

Trump e Biden: a quantidade de doações de campanha raramente decidiu o resultado de uma eleição nos EUA

institutoliberal.org.br/blog/politica/trump-e-biden-a-quantidade-de-doacoes-de-campanha-raramente-decidiu-o-resultado-de-uma-eleicao-nos-eua/

Rainer Zitelmann

04/04/2024



Donald Trump recebeu menos doações de campanha no último trimestre de 2023 do que Joe Biden. A campanha de Trump relatou doações de 19 milhões de dólares para a comissão eleitoral nos últimos três meses do ano passado. Biden recebeu 33 milhões de dólares, enquanto Nikki Haley recebeu 17 milhões de dólares.

Anticapitalistas afirmam repetidamente que os ricos têm uma influência decisiva na política e no resultado das eleições, principalmente por meio de doações. Essa teoria sempre esteve errada e a quantidade de doações provavelmente também não será decisiva para a eleição de 2024.

Se o dinheiro sozinho comprasse poder político, Donald Trump nunca teria se tornado o candidato republicano à presidência dos Estados Unidos em 2016. Essa honra provavelmente teria sido concedida a Jeb Bush, que conseguiu arrecadar muito mais em doações políticas. Mesmo Benjamin I. Page e Martin Gilens, cientistas políticos e dois dos mais proeminentes defensores da tese de que a política dos Estados Unidos é determinada pelos ricos, concedem que “a maioria dos grandes doadores de dinheiro – e a maioria dos

think-tankers e ocupantes de cargos republicanos – apoiava outros candidatos.” E: “As posições de Trump foram diretamente contrárias às opiniões dos doadores ricos e dos americanos ricos em geral.”

Além disso, se o dinheiro determinasse os resultados políticos, Trump não teria vencido a eleição de 2016. A candidata democrata Hillary Clinton teria vencido, como reconhecem Page e Gilens: “O candidato mais bem financiado às vezes perde, como a própria Hillary Clinton perdeu.” Clinton e seus aliados, incluindo seus comitês conjuntos com o Partido Democrata e os super PACs que a apoiaram, arrecadaram mais de US\$ 1,2 bilhão para o ciclo completo, segundo a Comissão Federal de Eleições. Trump e seus aliados arrecadaram cerca de US\$ 600 milhões. Adicionalmente, nenhum CEO da Fortune 100 doou para a campanha eleitoral de Trump até setembro de 2016. Sua vitória não se originou da influência dos ricos, mas sim mais da oposição popular às elites ricas das regiões costeiras.

Se o dinheiro sozinho pudesse comprar poder político, então Joe Biden também não teria se tornado presidente. Talvez a Casa Branca tivesse ido para o rico empresário Michael Bloomberg. Na época de sua candidatura à presidência democrata, ele era o oitavo homem mais rico do mundo, com um patrimônio líquido de US\$61,9 bilhões, segundo a Forbes.

É muito provável que Bloomberg tenha gastado mais do seu próprio dinheiro (e gastado mais rapidamente) em sua campanha eleitoral do que qualquer outro candidato na história; especificamente US\$ 1 bilhão em pouco mais de três meses. Isso foi revelado no relatório da Comissão Federal de Eleições (FEC) sobre financiamento de campanhas. Bloomberg financiou sua campanha sozinho e não aceitou nenhuma doação.

Bloomberg não é de forma alguma o único candidato cuja riqueza não o ajudou a realizar suas ambições políticas. Em 2020, o bilionário gestor de fundos de *hedge* Tom Steyer investiu \$200 milhões de sua própria fortuna e acabou sem um único delegado. Nas primárias do GOP de 2008, Mitt Romney gastou mais do que o dobro de John McCain – muitos dos quais eram seus próprios recursos financeiros –, mas ele desistiu da disputa em fevereiro e McCain acabou garantindo a indicação republicana.

Os irmãos Koch sempre foram retratados pelos críticos do capitalismo como alguns dos pró-capitalistas mais perigosos do planeta, mas David Koch aprendeu como é difícil transformar dinheiro em poder político em 1980, quando ele foi um dos principais apoiadores do Partido Libertário e anunciou sua candidatura a vice-presidente: ele ganhou apenas 1% dos votos.

Em uma coluna de opinião no *The New York Times* em 2016, Bradley A. Smith, ex-presidente da Comissão Eleitoral Federal, concluiu que “O Poder do Dinheiro Político é Superestimado”: “Mas, embora o dinheiro seja fundamental para informar o público e dar voz a todas as opiniões, esta eleição prova mais uma vez que o dinheiro não pode fazer

com que os eleitores gostem das opiniões que ouvem. Jeb Bush não é o único candidato ricamente financiado a desistir da disputa ... O mal do 'dinheiro na política' é amplamente exagerado.”

No seu livro *Unequal Democracy*, Larry M. Bartels critica a desigualdade e a influência dos ricos nos Estados Unidos. Ele examinou o “efeito estimado do gasto desigual em campanhas” em 16 eleições presidenciais dos EUA de 1952 a 2012, concluindo que “os candidatos republicanos gastaram mais do que seus oponentes democratas em 13 dessas eleições”; mas, em apenas duas eleições, nomeadamente as de Richard Nixon em 1968 e George W. Bush em 2000, Bartels conclui que “os candidatos republicanos venceram eleições acirradas que provavelmente teriam perdido se não tivessem conseguido gastar mais do que seus oponentes democratas”.



Faça uma doação para o Instituto Liberal. Realize um PIX com o valor que desejar. Você poderá copiar a chave PIX ou escanear o QR Code abaixo: